

## **O pensamento único A Psicanálise como resistência ao Fazer Verdadeiro e ao Pensamento Único contemporâneos.**

Chaim Samuel Katz

### **Sumário**

Colocar a afirmação do tema em discussão, para fazer dele uma questão. O Pensamento Único (PU) desde as Finanças. O PU na Genética e nas Neurociências. Psicanálise como transdisciplinaridade. Introdução a uma questão acerca da teoria sobre a histeria. Histeria e Teoria: estrutura do psiquismo inconsciente ou produção múltipla. A histeria e os sintomas como produções positivas. A Psicanálise deve se questionar sobre suas modalidades próprias de PU. As múltiplas facetas do Narcisismo: indicações.

O que é o Pensamento Único (PU)? Ele existe em apenas um dimensão? A Psicanálise sempre se opõe ao PU ou existem direções psicanalíticas que experimentam pensar e fazer ao modo do PU?

O PU é uma metáfora, que se usa para exprimir, para traduzir “em termos ideológicos a pretensão universal dos interesses de um conjunto de forças econômicas, em particular as do capital internacional” (Ignacio Ramonet, *Le Monde Diplomatique*, Janeiro de 1995). Se sabemos que o Pensamento Único (PU) nasce de um modo bem marcado e marcante, o contexto específico de sua emergência é a reunião das grandes potências e instituições políticas em Bretton-Woods (1944), onde se organizaram unitariamente o Fundo Monetário Internacional, O Banco Mundial de Desenvolvimento, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos etc. Se é assim é, verifica-se também que não apenas o PU dimana de uma determinação do regime financeiro sobre o político, como de Uma idéia sobre as outras. Ou seja, tanto a afirmação da dominância da expansão financeira sobre as outras modalidades da existência como, e especialmente, o apagamento e a recusa de outras determinações nas relações sociais, tal é o movimento que leva a Um único pensamento dominante. Tal recalcamento seria tão forte que Ramonet atribui à dominância totalizante do PU, as dificuldades de se opor a ele, um desespero extremo de muitos intelectuais: “Seria por isto que inúmeros intelectuais, entre

eles Guy Debord [fundador da Internationale situationniste e o pensador mais crítico e atuante acerca da sociedade de espetáculos], preferiram suicidar, nas últimas semanas?”. Se assim fosse, pareceria que o desespero seria geral, pois o PU construiria pedra sobre pedra, definitivamente.

O PU tem dirigido ou procurado dirigir também as políticas dos países líderes, não apenas com e desde a dominância do financeiro sobre o político, mas pela postulação de um grupo de idéias que se sobrepõem às outras, adversas, diferentes ou contrárias. Essas idéias que constituem o PU se fundamentam no primado dos regimes financeiros da produção sobre todos os outros. Ao mesmo tempo em que tal modo de pensar e fazer conduz à uma ampla noção do que é o Fazer Verdadeiro, ou seja, aquele ou aqueles que se dirigem à consecução do pensamento dominado pela primado das Finanças, o que chamamos hoje, de modo genérico, de modelo neoliberal.

Deste modelo mais universal do PU, que se estabelece em torno da dominância e dominação financeiras, fundado “oficialmente” em 1944, “deriva” um PU das neurociências. Contudo, não deriva geneticamente, não tem no PU de Bretton-Woods um modelo a seguir, mas eles se inscrevem numa mesma episteme.

Foucault denomina de episteme a um regime de regularidades discursivas, condição para a percepção e a constituição dos pensamentos. Não se trata da unidade soberana da subjetividade, um sujeito ou alguma teoria como centros de verdade ou conhecimento, pois é o conjunto das relações restritas a uma época, relações que se podem descobrir entre as ciências e saberes, entendidos como regularidades discursivas (A Arqueologia do Saber).

Não é uma Weltanschauung ou alguma concepção matriz de mundo, de onde derivariam saberes menores ou dependentes, mas devemos aprender que essas discursividades que constituem a episteme de uma época se encontram representadas ou apresentadas em vários saberes. No nosso caso, sua matriz aparente é o PU que teria se produzido na reunião de Bretton-Woods, mas quer me parecer que ambas “derivam” de uma mesma episteme. Daí a questão que indicarei, a respeito da provável “inclusão”, mesmo que parcial, da Psicanálise no PU.

Postulando que um sistema genético está na base e na origem de qualquer existir humano, a Genética contemporânea terminou por estabelecer

que todos os comportamentos humanos (incluindo o pensamento, que seria também uma modalidade de comportamento) dependeriam diretamente do modo como se relacionassem e evoluíssem os genes. Considerando os genes como o fundamento da corporeidade e o humano assentado unicamente neste corpo genético, a Genética considera os incorporais como produtos diretos do corpo assim descrito.

Desde a teoria matemática da Informação, enunciada por Claude Shannon em 1948 (“A teoria matemática da Comunicação”), procurou-se, numa série numerosa de saberes, encontrar uma fonte de informação, com um número finito de símbolos, que pudesse servir de base única e unitária para gerar acontecimentos universalizantes. Na Biologia, sem dúvida, foi a descoberta da dupla hélice do DNA (em 1953, por James Watson e Francis Crick) que possibilitou pensar como moléculas vivas continham informação genética e como se poderiam replicá-la e transmiti-la. Através de uma memória central única, que armazenaria as informações sobre o conjunto do organismo, elas não apenas repetiriam suas características de funcionamento, como o poriam a funcionar.

Um gene seria a unidade fundamental da vida e o DNA é a molécula específica que conduz e manifesta o código genético. Daí o Genoma (e o Projeto Genoma). O Genoma “é o número total de cromossomas, isto é, qualquer DNA (ácido desoxirribonucléico) de um organismo, aí incluídos seus genes, que levam a informação para a elaboração de todas as proteínas requeridas pelo organismo, e as que determinam o aspecto, o funcionamento, o metabolismo, a resistência a infeções e outras doenças”. O Genoma Humano corresponde ao número total dos cromossomas do corpo, esses últimos contêm entre oitenta mil e cem genes, que seriam os únicos responsáveis pela hereditariedade. Decodificando-se tais genes, ter-se-iam dadas todas as virtualidades (virtual: significante pós-moderno para dizer que o ser está em potência) do ser humano, desde sua constituição fisiológica até a produção poética!!

Portanto, desde os elementos básicos e primários de uma teoria biológica da Informação e sua combinação possível, poder-se-iam analisar quaisquer pensares e comportamentos humanos, pois as características do que denominamos humano dependeriam unicamente da combinação genética.

Assim nascem as chamadas neurociências, estabelecidas em torno deste tipo de raciocínio. Por exemplo, descobrindo-se os genes produtores da esquizofrenia, poder-se-ia prevenir o nascimento dos esquizofrênicos; e com isto evitar tais “acidentes”. Ou seja, o PU estabelece que a esquizofrenia é uma anormalidade genética e trata de modificar os genes que se combinam (mal) para sua formação. De tal modo de pensar, eliminam-se de saída diferenças e outras vias, desde que os humanos pudessem reduplicar seqüências genômicas adequadas. Ou seja, parte-se da postulação de que a esquizofrenia é uma produção corporal e que, por isto e necessariamente, deve existir algum gene mal funcionando que a causa. Haveria unicamente uma via normal de produção genética e o que mal funcionasse seria efeito de desvios que poderiam ser reduzidos,

Portanto, desde que o pensamento só seria possível através de neurotransmissores, a esquizofrenia seria produto de más sinapses e poderia se tratar desde a correção destes, por exemplo, possibilitando seu aumento ou diminuição. Por exemplo, na fisiologia humana, sabe-se que a serotonina intervém nas sinapses. Como é sabido que os psico-ativos alucinógenos, tais como a mescalina e o LSD, têm uma enorme influência no funcionamento do sistema nervoso e que modificam a atividade dos neurônios serotonérgicos, e ao se examinar resíduo dos esquizofrênicos (suores ou urina) encontraram-se certos psico-ativos (ditos substâncias psicodislépticas, isto é, as que teriam “efeitos” similares aos das psicoses; ou seja, quem toma LSD fica momentaneamente igual ao esquizofrênico: esta conclusão é decididamente... esquizofrênica), daí se concluiu não apenas na relação de proximidade entre alucinógenos químicos e alucinação esquizofrênica, mas também na importância da serotonina como produtora da esquizofrenia. Logo, alterar a serotonina dos esquizofrênicos os faria encontrar sua “normalidade”.

Outro exemplo de tais pensares. Os humanos têm 22 cromossomas ditos autossomos, e 1 cromossoma que define o gênero. Como os sexos se diferenciam geneticamente pelo fato do cromossoma 23 ser o sexual, a diferença entre os gêneros seria a marca definitiva da sexualidade. E a homossexualidade? Bem, um macho normal tem um cromossoma X e outro Y e uma fêmea normal tem um par de cromossomas XX. O resto é o resto, conclua-se PUisticamente.

Claro que tal ciência exata se postula como um PU, até para existir como certeza apodíctica. Mesmo quando saibamos que existem seqüências genéticas que não codificam, pois “até o momento” não se compreende sua função, nada disto impede as neurociências afirmarem que o humano se constitui geneticamente e que sua base de ser é ou será inteiramente previsível e manipulável; e que as modificações psíquicas se dariam unicamente através de manipulações psicofármicas. Faltaria ainda pensar, no nível da própria ciência dos genes, por exemplo, o fenômeno da apoptose, ou morte celular programada, que “depende de um programa multigênico de suicídio celular que é ativado quando uma dada célula deve desaparecer. É um fenômeno controlado por interações multicelulares diretas e por ligantes solúveis com propriedades ativadoras ou supressoras cujos mecanismos transdutores de sinais ainda não estão esclarecidos”. E a apoptose fica para o reino das inclusões e das regras conjuntivas. Importante para pensar o regime específico da hereditariedade e do fazer fisiológico, tal pensamento não pode lidar com a angústia, os vazios, as faltas, rupturas, disjunções, descontinuidades, ausências e vazios, denegações e irrupções, que quebram as regras de suas medidas.

Donde a quase ausência, a recusa de publicação ou pouca aceitação de estudos menos dogmáticos sobre os psicotrópicos, também elaborados por neurocientistas, acerca dos placebos. Mostram que ao lado do remédio propriamente dito (denominado de “riscador biológico”) é preciso considerar o efeito placebo dos medicamentos: quem receita, os interesses de laboratórios, a sugestão médica, a venda em bases científicas (através de receitas em farmácias) etc. Mas, especialmente, a recepção e transmissão imaginária de suas capacidades. Falando do mais conhecido antidepressivo, segundo dois doutores pesquisadores, seria preciso uma meta-análise, que desse conta de porque setenta e cinco por cento (75%) dos medicamentos “não se ajustam à química do cérebro” (Irving e Sapirstein, "Listening to Prozac but Hearing Placebo: A Meta-Analysis of Antidepressant Medication". 1999. American Psychological Association, "Placebo Effect Accounts For Fifty Percent Of Improvement In Depressed Patients Taking Antidepressants"). O placebo escapa inteiramente à lei genômica de que post hoc, ergo propter hoc.

Quando se postula que um único gene do olho está na base de todos os órgãos possíveis de visão, desde a drosófila ou o rato até os homens (Walter J. Gehring, em 1994), consideram-se as possibilidades do olhar apenas desde sua combinatória genética. Certamente importante para que se conheçam os mecanismos da visão; mas que deixa inteiramente em aberto a questão acerca do olhar, do visível e do invisível.

O PU genético contemporâneo aposta, simultaneamente à formulação de um saber que daria conta de todos os viventes e suas vicissitudes, numa vida perfeita, sem doenças nem angústias, sem apoptoses. Fala-se de uma genomancia (mantéia, adivinha, faculdade de prever), a previsão do futuro pelo exame do código genético, onde males, doenças, velhice e sofrimentos inexistirão. Claro que os fragmentos genéticos são e continuam sendo patenteados por grandes e poderosas empresas, que serão seus controladores. E que uma ideologia eugênica surgirá de tais progressos técnicos. Mas a eugenia corresponde necessariamente ao mais controle e à eliminação dos desviantes, estes inimigos do PU genômico enquanto ciência. O PU genômico está ligado ao Fazer Verdadeiro e ambos se determinam por mecanismos derivados (sem aspas, desta vez) da política financeira dominante. Suas conseqüências políticas ainda estão pior ser avaliadas, mas o surgimento de uma ideologia eugênica é inevitável.

Assim se erigem as chamadas neurociências. Tendo como base uma racionalidade genética, ela mesma fundamentada numa teoria da informação, onde os medicamentos que puderem influir na base genética ou na conformação corporal geneticamente baseada se tonam a meta única da construção de uma modalidade de ciência cada vez mais dominante, que invade e domina o imaginário das classes médias de todo o mundo. Como o sabemos, o chamado imaginário não emerge apenas desde o encontro de um filho e sua mãe especular, pois o próprio espelho também constitui o Imaginário (ler meu próximo texto).

Assim compreendidos o PU e o Fazer Verdadeiro da Genética e das Neurociências, a Psicanálise, como conjunto de idéias que afirmam positivamente as diferenças, estaria em oposição à unidade do PU. Não tendo um centro articulador de produção, desde suas características específicas, livre do modelo de uma teoria da informação-que caracteriza as ciências

universalizantes de nossa época-desde sua determinação descentrada a respeito dos desejos humanos ou subjetivos, a Psicanálise estaria voltada ao combate desse pensamento que supõe a superdeterminação de todas as atividades produtivas apenas ou centralmente desde uma única fonte, a econômica desde sua vertente financeira, ou a Genética, na sua vertente biológica, conforme indiquei acima. Pois, nas neurociências, é um único pensamento que está em questão, com suas variantes múltiplas. No modo como os genes funcionam enquanto sistema de informação e comunicação, determinando tudo o que constitui o humano e tratando de eliminar o que impede sua perfeição e no tratamento dos incorpóreos que teriam unicamente uma base corpórea, aí está a recusa de um pensamento acerca do sentido e da significação, que caracterizam a Psicanálise

Porém, assim colocada a pergunta inicial- a Psicanálise como diferença radical e resistência ao PU- tal perguntar já parece elaborar um “como”, ou seja, que tais fazeres e pensares múltiplos, suas várias ordens discursivas e de fazeres diferenciais determinadas pela resistência, transferência e sexualidade fossem sempre partes constitutivas da Psicanálise, como se fosse da “naturalidade” da Psicanálise acolher sempre a multiplicidade. Relembro que a Psicanálise é o saber que, desde sua emergência, postulou que o inconsciente se constitui de processos múltiplos, bem distintos entre si. Mesmo quando Freud conceituou o que seriam a organização ou estrutura (Aufbau) do psiquismo inconsciente, sempre afirmou e insistiu na idéia de que os psiquismos teriam múltiplas possibilidades de se constituir. O que os psiquiatras e neurologistas entendiam como anormalidades psíquicas, carências ou falhas de um psiquismo normativo, mostrou-nos Freud que eram processos diferenciais do psiquismo, outras vias dos processos psíquicos inconscientes. O que antes de Freud era considerado psicopatologicamente, foi, a partir de sua obra, postulado como possibilidades diferenciadas de expressão psíquica. Mais ainda, ao inserir no seu pensamento a questão da pulsão de morte, a Psicanálise mostrou como a destruição e a agressividade são necessariamente constitutivas do psiquismo e dos humanos.

Desde logo, a psicanálise freudiana se diferenciou radicalmente daquele pensamento que obrigava à normalização do conhecimento, que não

valorizava o que estivesse às margens. Mas isto deve valer também para a própria Psicanálise. Sempre?

Tomo um exemplo, que serve para ampliar nossa questão. Na época em que existiam os “países socialistas”, os psicanalistas sempre encontraram dificuldades para se organizar em agremiações reconhecidas ou até mesmo se expressar ali, desde que eram considerados aliados e ideólogos das classes dominantes. Na medida em que a Psicanálise não aceitava o primado da infraestrutura econômica e insistia nas questões erogênicas e desejantes, singulares (individuais, diziam então os críticos “marxistas”), a ideologia socialista oficial acusava os psicanalistas de recusar os coletivos e seus ideais. Seria preciso lembrar, para começarmos a indagar a respeito da “pertinência” da teoria psicanalítica, que a vulgarização da expressão “economia libidinal” ocupou um lugar de transição e transação para se aceitarem as teses freudianas entre os marxistas de então? Ou a criação do movimento da Sexpol na Alemanha, que mesclou política e sexualidade, em nome de um ideal mais amplo de liberdade?

Outro exemplo. Sabemos da campanha violenta que o Partido Comunista Francês organizou contra a Psicanálise. Em 1949, no jornal comunista oficial L’Humanité, se escrevia sobre “a psicanálise, ideologia de baixo policiamento e espionagem” “psicanálise de sabor americano”, “anti-soviética” (cf. Elisabeth Roudinesco, *Histoire de la psychanalyse en France*. 2). Ou seja, assim pareceria que A ou Uma única Psicanálise se opunha diretamente às proibições totalitárias dos velhos socialismos, tentando contemplar um pensamento libertador (desde já uma ilusão a ser denunciada: foi exatamente Freud que mostrou a impossibilidade da Liberdade enquanto conceito ou existente). Enquanto, estudando as nuances dos eventos relativos a estes fatos, a luta contínua entre os modos de teorias e organizações societárias dos próprios psicanalistas da época; quando aprofundamos as disputas com a psiquiatria organicista e o pensamento totalizante, sabemos que tais confrontações nos impedem de afirmar a existência de Uma psicanálise. Pois temos notícias de inúmeros psicanalistas que se opuseram à própria Psicanálise ou à sua dita ortodoxia, sob a alegação de defender o Socialismo, como se ambos os pensares se opusessem. Psicanalistas que afirmavam que no regime comunista os sujeitos se adaptariam a um desejo

coletivo e perderiam suas revoltas e o mal-estar, domesticariam suas pulsões, sublimando-as em benefício de um bem comum. Que em nome de ideais coletivos superiores de bem-estar, haveria que recusar os processos disruptivos -como a compulsão à repetição e a pulsão de morte-que a obra freudiana ensinava.

Portanto, é preciso continuar a questão, ou seja, devemos indagar acerca do que falamos quando apontamos nossas diferenças com o PU desde uma exterioridade, ou seja, como se a Psicanálise se fizesse sempre fora do que ela critica, em nome de Um pensamento único (PU... psicanalítico!) que a caracterizasse. Ou seja, proponho um paradoxo: se existe uma e única Psicanálise, também ela não seguiria a linha de unidade do pensamento? Como promover as diferenças desde Um?

No exemplo que apontei, insisti nas dúvidas teóricas dos psicanalistas marxistas da época da chamada Guerra Fria, que procuraram modificar a teoria freudiana em nome da adaptação a ideais “maiores”, que viriam desde as ideologias socialistas de então. Mas também no Brasil, durante os terríveis anos da ditadura militar, além de psicanalistas que colaboraram diretamente com o governo, alguns insistiam que se não se partilhassem os bens simbólicos, haveria uma deterioração do complexo de Édipo, visto que este só se desenvolveria plenamente adequado a um suposto estado social amplo e generoso, que abarcasse todos os seus membros. Que se a chamada vida social não permitisse uma melhor partilha de seus bens financeiros e simbólicos, desapareceriam cultura e civilização. Claro que tais psicanalistas me eram e continuam sendo afins, mas daí a acreditar que diziam verdades... psicanalíticas!

Não basta articular um especificidade teórica (ou a teoria pensada apenas como pertinente) para determinar ou demarcar definitivamente o campo psicanalítico. E dar por natural a diferença, ou seja, que as discussões e contradições encontrariam campo livre para ali se enfrentarem. Insisto, pois encontro em alguns psicanalistas a idéia de que existiria um núcleo inamovível na Psicanálise, que a constituiria de modo essencial. E,conseqüência disto, como se pudéssemos alcançar tal núcleo essencialatravés de alguma investigação teórica mais exata.

Concretamente, isto não se dá. Tomemos uma questão “interna” aos fazeres psicanalíticos, que não se reduz ao seu aspecto dito teórico. Freud recusou a medicalização da Psicanálise, se opondo ao grupo médico capitaneado pelo psicanalista de formação médica Abraham **Brill** (então, presidente da Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque; cf. Freud **1926e**, “**A questão da análise leiga**”. **GW, XIV**). Tal posição freudiana estava ligada a uma afirmação teórica, certamente, na medida em que tratava de afirmar o que constitui a especificidade da clínica psicanalítica e dos seus pensamentos. Mas era também um capítulo de uma disputa de poder e de mercado, de importantes interesses financeiros. As instituições médicas visavam o controle da clientela, eis o que também se sabe. Mas tal argumento não está exposto no texto freudiano, que se restringe a uma questão teórica, a da produção leiga da Psicanálise..

Conhecemos situações similares no Brasil, quando os psicanalistas leigos tivemos que lutar-e muito-no Rio de Janeiro, contra as sociedades psicanalíticas ligadas à IPA (International Psychoanalytical Association), que, até a década de noventa, quase só aceitavam como candidatos para a formação analítica aos possuidores de diploma médico, bem como recusavam o reconhecimento e a consideração da teoria e do saber psicanalíticos àqueles que não pertencessem às suas instituições. Por mais teoria que conhecessem, exigia-se dos chamados “candidatos” que tivessem um diploma médico (numa posição oposta à de Freud) e aos outros pensadores se exigia um atestado de fidelidade à IPA. Mas o mercado dos médicos se restringiu e teve que se pensar “novo”, ou novamente, a IPA aceitando não-médicos para formação.

Portanto, é preciso pensar se o PU não existe também na Psicanálise, onde, no próprio modo de elaborar teorias, se obriga a reduzir pensamentos diferenciados a modalidades unitárias. Isto é, coloco em questão se o PU se iniciou em Bretton-Woods ou com a descoberta do DNA, se a “originariedade” da reunião e a fundação do neoliberalismo não se atravessaram também por conta de outras materialidades, por mecanismos de saber e poder menores e que sempre se manifestaram também no campo psicanalítico.

Se um tal modo de indagar tem validade, seria preciso pensar a Psicanálise desde modalidades nas quais ela se verifica e performa através de articulações específicas (sexualidade, transferência, inconsciente, resistência,

compulsão à repetição, pulsão etc.), mas às quais ela pode e deve simultaneamente resistir. Ou seja, constituir um campo de produção aberto às improduções, expectante ao que é fora dele, não excluir o que está nas bordas, mas acolhendo o que insiste verdadeiramente. Como se observa, por exemplo, na obra do psicanalista inglês Winnicott, que sem apelo à teoria freudiana da sexualidade, é parte legitimamente constitutiva da Psicanálise. E que, contudo, não se deixa definir através da dita pertinência psicanalítica, desde que não considera a sexualidade, pilar da obra freudiana. A Psicanálise não é uma essência que devesse ou pudesse ser encontrada unicamente por um exercício da Razão.

Contudo, desde o que se chamaria de perspectiva negativa, a Psicanálise se opõe ao PU biológico não como um saber que postula a multiplicidade em oposição à unidade, mas como conjunto que recusa a primazia do genético sobre outras determinações da vida psíquica (e social). Campo e saber que elabora as rupturas e dissensões como processos constitutivos e necessários do fazer humano e dos processos de subjetivação, a Psicanálise recusa ao pensamento genômico a pretensa primazia de organizar e explicar a totalidade os processos psíquicos. Desta perspectiva, sabe-se que a ideologia decorrente do PU das neurociências recusa o pensamento da diferença. Diferença que, mesmo que não se possa afirmar permanentemente na trajetória psicanalítica, é parte necessária da constituição da Psicanálise.

Curioso paradoxo, que é preciso explicitar. Quem enunciou melhor a questão de uma discursividade específica à Psicanálise, foi Michel Foucault (por exemplo, em “O que é um autor”, 1969. *Dits et écrits*, I). Afirmou que o saber de Freud é transdiscursivo, que não permite superações à moda hegeliana (como a física einsteiniana teria superado a de Newton). A ordem do discurso freudiano é tal que, modificadas as condições culturais e sociais, ele (o discurso) também se modifica. Se o discurso psicanalítico se enuncia através de regras bem estabelecidas, na medida em que tais regras se confrontam com realidades distintas, elas devem se modificar e incorporar “suas” experiências de teorizar. Como?

Mesmo quando os “tipos psicopatológicos” se transformam, o instrumental psicanalítico não se fixa às determinações dos enunciados sobre

eles. Ou seja, não existe uma teoria psicanalítica prévia, que desse conta de quaisquer e todas as manifestações psicopatológicas “livres” no espaço e no tempo. Vejamos, não é mais o chamado “piti” o que caracteriza as expressões históricas contemporâneas, na medida que, ao menos nos grupos de classes médias, houve uma diminuição da intensidade das linguagens de expressão manifesta individualmente. Sabemos que isto, o piti, se faz como norma, normalmente, nos rituais de inúmeras religiões e, especialmente, através de certas manifestações coletivas dos meios massivos de comunicação (mmc) ou dos esportes (não apenas, claro). Que tais expressões produzidas nos regimes coletivos diminuam ou mitiguem a intensidade das manifestações pitiáticas individuais. Mas, por mais que essas e outras características tenham cambiado, a teoria psicanalítica caracteriza a histeria como uma modalidade de transformação corporal de inúmeras expressões simbólicas (o que Freud chamou de conversão histórica), onde se encarnam desejos que, não podendo ter acesso à consciência, são, deste modo, uma “sua” formação de compromisso psíquico inconsciente. Uma outra faceta da histeria, a “bela indiferença” se apresenta na atualidade, não apenas como mecanismo negativo, do nada querer ou fazer, mas também como protesto do corpo simbólico às condições sociais que lhe são insuportáveis.

Foi este fenômeno que observei em 1980 em dois asilos do Ceará (com a colaboração do psiquiatra e amigo Jackson Coelho Sampaio), onde as castanheiras “faziam” (expressão de origem kleiniana, que atribuí aos indivíduos uma capacidade de subjetivarem sintomas) um sintoma que elas próprias e seus psiquiatras denominavam de “farnesim” (corruptela de frenesi). Enjoavam, golfavam e vomitavam, sentiam-se fisicamente mal, ouviam vozes, sacudiam fortemente seus corpos, rolavam no chão se ferindo e faziam gestos espetaculares (bem distintos do seu habitual), dilaceravam suas roupas e pertences, agrediam alguns familiares e próximos, elevavam suas vozes e soltavam gritos, usavam expressões atravessadas por grunhidos e estranhos sons, diziam palavrões inesperados para elas e seu grupo, adornavam-se de modo esquisito, enfeitavam-se com vivas cores (diferentes dos tons cinzas e pálidos habituais) e, principalmente, não aceitavam mais ter relações sexuais com seus companheiros (“machucar”, eis como se denominam os atos sexuais); deixavam de cuidar dos filhos e, especialmente, paravam de trabalhar

uma jornada extenuante de mais de dez horas diárias. Abandonavam-se—“algo” se abandonava- ao nada fazer e se tornavam economicamente não produtivas, desde uma produção e expectativas sociais onde só as mulheres podiam trabalhar e eram contratadas. Produziam apenas uma indiferença pela produção socialmente valorizada, adoecendo; improduzindo.

Aprendemos que suas atitudes tinham mais “nãos” do que “sins” e que culminavam na conversão corporal e na indiferença. Para completar a proximidade com a teoria analítica, quando internadas nos asilos relacionavam-se sensualmente e sexualmente com outras colegas (trata-se de asilos onde se separam homens e mulheres), por vezes constituíam pares ou casais, com intimidades que antes nem supunham possíveis. Nuanças verificáveis desde a teoria freudiana: só deste modo conseguiam sair da conversão e da “belle indifférence”, vencendo parcialmente sua angústia. Claro que tive que pensar os sintomas histéricos não mais como “falsa conexão” representacional que substitui uma representação verdadeira, mas como uma representação-limite, pontos emergenciais de coleções, que fabricam vazios e lacunas, sentido verdadeiro que também forma e volta a formar significação. Não haveria uma normalidade psíquica unitária, pois o humano sexual fabrica vazios permanentemente; a lacuna histórica seria constitutiva do humano, e não um sintoma específico.<sup>1</sup> Como ensinaria Freud, a histeria é criação permanente, entre os afetos e as representações, dado que o humano -incluindo o corpo humano-é inacabado, já que fabrica permanentemente vazios.

A teoria psicanalítica da histeria deu conta de pensar tais sintomas, que se fazem através de formações com enormes regularidades. Mas teve e tem que considerar que certos mecanismos inconscientes da vida social também atuam histericamente. Portanto, uma histérica não é individualmente a “autora” integral de seus sintomas, desde que os sintomas possuem uma articulação social inconsciente, que escapa aos indivíduos. Ninguém “fabrica” seus sintomas apenas no modo individual.

---

<sup>1</sup> -"A histeria é a única neurose onde talvez os sintomas sejam possíveis sem defesa, pois ainda resta o caráter de conversão. (Histeria puramente somática)". Cartas 98 a Fliess, de 30/5/96.

Foucault postulou que o saber freudiano é transdiscursivo, na medida em que se mudando seus enunciados, modificam-se simultaneamente suas condições de enunciação. Ou seja, não haveria uma teoria prévia às suas expressões, um conjunto fixo de referências absolutas ou alguma essência do pensamento analítico, pois os enunciados e sua emergência “individual” ou coletiva, de produção social inconsciente, modificam as condições de teorização. Na Psicanálise, expressão e teoria têm uma relação de implicação mútua e inseparável. Não há uma essência da histeria, eis o que se deve aprender com Freud. E é isto que distinguiria a Psicanálise do PU. As práticas modificam o campo psicanalítico, que as perlabora incessantemente.

Restaria mostrar como uma espécie de pensamento único também invadiu, ao menos parcialmente, o campo teórico psicanalítico. Por exemplo, com a noção ampliada de Narcisismo, postula-se que o narcisismo se apropriou de todas as modalidades de ser e fazer contemporâneos, como se vivêssemos numa sociedade narcisista. Como se existisse na contemporaneidade um corpo unitário, que se pensasse e se constituísse desde uma base unitária (à moda da teoria matemática da informação, conforme indiquei acima) “fazendo-se” desde leis que gerissem univocamente “a” subjetividade. Postulando uma matriz psicogenética, cujo primeiro estágio organizado seria o narcisismo, parte dos psicanalistas contemporâneos elabora os processos sociais como determinados por um psiquismo tipo, que atuaria enquanto modalidade projetiva, criando e determinando as produções culturais e sociais no modo narcísico.

Ou seja, enquanto tomada e constituição do Eu como instância, resultando na fundação de uma corporeidade “própria” desde uma única matriz, o narcisismo, enquanto modo, se apresentaria como produto necessário de uma escala genética, da qual seria uma consequência e expressão necessária.

Desde a imago narcisista do indivíduo até os processos sociais de produção simbólica, eis o que se naturalizou para o pensamento psicanalítico. Por exemplo, o que se tornou um chavão entre muitos dos que falam o psicanalês, a postulação de que os meios massivos de comunicação obrigariam um modelo narcisista para a maioria, desde a imposição de um corpo modelar, que precisaria ser permanentemente cuidado e elaborado seguindo modelos estereotipados; ou da produção de um discurso homogêneo

e uniforme, criador de desejos similares. E cujo modelo principal naturalizado seria um suposto narcisismo psíquico, que elaboraria a constituição subjetiva dos sujeitos. Por exemplo, e para não ficar unicamente numa indicação, entendendo o corpo dos chamados idosos apenas desde sua formação psíquica, ignora-se o declínio corporal, recusa-se o envelhecimento do corpo-psiquismo desde a postulação da permanência do inconsciente. No mínimo, ignora-sea impossibilidade dos idosos de acompanharem a velocidade e a substituição intensa de saberes e fazeres na contemporaneidade. Uma espécie de pensamento que postula o psiquismo enquanto evolução linear, tendo como modelo uma estrutura orgânica.

Não dá para ir adiante, o que farei num próximo comentário sobre velhice e narcisismo.

Chaim Samuel Katzxaim@alternex.com.br